

TRANSMODERNIDADE, DESCAMINHOS DA MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE TARDIA¹

Sergio Roberto Lema²

Resumo

Este artigo busca estabelecer um diálogo crítico, em perspectiva dialética, com a obra de Luis Alberto Warat "*Por quien cantan las sirenas*" objeto de debates durante as aulas que o autor deste trabalho frequentou nos seminários do Doutorado em Direito da UFSC ministrados por Warat no ano de 1997. Na ocasião foram debatidas as questões do fim da modernidade, da condição pós-moderna e da "transmodernidade", entendida como espaço-tempo de hiperrealidade e vazio existencial a ser ressignificado pela proposta utópica da ecocidadania. A proposta levantada por Warat é objeto de apropriação, crítica e tentativa de superação das aporias que se constatariam ao resumir o esgotamento do projeto moderno à falência do paradigma positivista e ao exaurimento da razão na neutralidade do conhecimento sem sujeito, bem como de todas narrativas políticas modernas entendidas como projetos totalitários. A conjuntura política argentina e brasileira da segunda metade da década de 1990, na qual esta obra de Warat foi produzida, apresenta lamentáveis semelhanças com a da segunda década do Século XXI nos mesmos países e, por este motivo, o resgate das reflexões do autor sobre o poder, o Direito e a democracia revestem renovada atualidade.

Palavras-chave: modernidade; pós-modernidade; direito; democracia; autonomia.

¹ Artigo inédito inicialmente preparado para os seminários do Doutorado em Direito do PPGD/UFSC ministrados pelo Prof. Dr. Luis Alberto Warat no ano de 1997 e reescrito para apresentação na III Semana de Iniciação Científica da Faculdade Cesusc, realizada em Florianópolis - SC, no segundo semestre de 2017.

² Mestre e Doutor em Direito pelo PPGD/UFSC. Professor de Metodologia da Pesquisa em Direito, Sociologia do Direito e Filosofia do Direito na Faculdade Cesusc. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa Direito e Sociedade – GEDIS da Faculdade Cesusc.

1 INTRODUÇÃO

O objeto deste breve artigo será o de abordar, dialeticamente, uma visão do mundo contemporâneo concebida, pelo Professor Luis Alberto Warat (1997), como "transmodernidade".

A abordagem dialética aqui proposta partirá dos diálogos estabelecidos com o grande mestre argentino-brasileiro da teoria filosófica do Direito e do poder, Luis Alberto Warat, em particular com um dos últimos trabalhos cujo título da versão original em Espanhol foi "*Por quien cantan las sirenas*".

Nesta perspectiva, buscar-se-á, inicialmente, realizar uma apropriação da crítica das sociedades contemporâneas proposta por este autor e, na sequência, questionar determinados aspectos do diagnóstico para, na perspectiva de uma síntese dialética, buscar possíveis caminhos para a superação de eventuais aporias que resultariam incongruentes com a atitude crítica assumida pelo autor-objeto desta reflexão.

Inicialmente, cabe destacar o respeito que a obra e a trajetória intelectual e profissional de Warat merecem. Isto é afirmado, inclusive, pelo que foi possível vivenciar quando o autor deste artigo teve o privilégio de cursar as disciplinas do Mestrado em Direito (no início da década de 1990) e as do Doutorado em Direito (no final da mesma década) ministradas pelo grande mestre.

Naquelas ocasiões, muitas das objeções críticas que serão trazidas no presente texto foram levantadas e debatidas durante as aulas. O tempo todo as pautas foram marcadas pelo convívio democrático, pelo exercício pleno e concreto da liberdade de expressão, enfim, pela troca franca e aberta de ideias. É por isso e por outras tantas razões e emoções que o mestre deixa saudades. Com ele foi possível apreender a questionar e questionar ao apreender.

Pois bem, em primeiro lugar será preciso adentrar nos interstícios da proposta teórica do autor para compreender como este apresenta a questão do "fim da modernidade". Na continuação será confrontada a perspectiva do "desencantamento" da razão com a perspectiva do exaurimento do paradigma científico positivista e, para encerrar este trabalho, se buscará traçar um breve esboço de possíveis saídas para a negação da negação da modernidade.

Resta advertir ao leitor que, mesmo ciente da inobservância da norma metodológica, se optou neste trabalho por manter as citações da obra de Warat no original em Espanhol no corpo do texto, já que a interpretação não restaria prejudicada e sim, pelo contrário, poder-se-ia perder a riqueza do original ao ser traduzido. Portanto, espera-se que isto não seja óbice e sim, pelo contrário, facilitação no contato e aproximação com a linguagem proposta pelo autor.

2 O ESGOTAMENTO DA MODERNIDADE OU DA CRISE DA MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA

Para Luis Alberto Warat a modernidade teria se esgotado a partir da década de 1950, conforme a data escolhida pelo filósofo francês Jean-François Lyotard (2010) para demarcar temporalmente a transição paradigmática para a pós-modernidade.

Os sinais do fim da modernidade poderiam ser classificados a partir de dois níveis de análise: 1) o social-político-econômico-cultural; e 2) o epistemológico ou a maneira de se conhecer a realidade.

No primeiro nível se constataria a ameaça de extinção do planeta, latente desde as últimas décadas do Século XX, como possibilidade concreta que deflagra a crise ecológica ocasionada pela obsessão do homem moderno de dominar, de controlar, de maneira desmedida e predatória, a natureza.

Desta maneira, estar-se-ia a presenciar a catástrofe global do modo de existência como uma progressiva deterioração, não só do meio ambiente mas também das relações individuais e coletivas que ensejariam um vazio existencial, uma situação em que o homem se torna um simulacro de si próprio.

Nesta perspectiva, também, perder-se-ia a relação com o "outro", ou seja, a perspectiva da reciprocidade passaria a ser substituída pela simulação da sua imagem. O encantamento teria vindo a substituir a alienação produzida pela ideologia dominante (no sentido da retórica que configurava o imaginário impregnado no senso comum) colocando no lugar novos mecanismos de fascinação ou de hiper-realidade.

No plano político, colocar-se-ia a necessidade de resistência para evitar o crescimento de fenômenos como o empobrecimento da participação, a perda do sentido transformador dos conflitos sociais, bem como a dificuldade de reconhecer os atores e os espaços de luta.

Warat (1997, p. 7) expressamente confessa seu "*temor delante de um mundo convertido em el espectáculo de un viaje sin objetivos. Una cultura fascinada por las trivialidades, los simulacros y el consumo se um tiempo sin puntos de referencia*".

Os exemplos da barbárie relatada são identificados, a título ilustrativo, na conjuntura política dos governos de Carlos Saul Menem na República Argentina (na atualidade, aquela tragédia histórica

se repete, como farsa, na administração federal de Mauricio Macri) onde Warat identifica "*el mejor ejemplo de la barbarie farandulera*"³ denominada também como "barbárie caligulizada", isto é, aquela que de maneira debochada exerce uma perversa dominação, circense e prostibular.

Este tipo de práticas (des)políticas se inscreveriam no contexto de um mundo hegemônico pela caricatura sinistra do liberalismo, denominada a partir das últimas décadas do Século XX como globalização neoliberal.

Diante de catástrofes como a da morte de mais de dez milhões de crianças por ano, ocasionada pela desnutrição, se imporia a necessidade de denunciar as armadilhas da globalização:

[...] um mundo que marcha hacia la sociedad del 20 y el 80 por ciento. Sólo el 20 por ciento de la gente va a ser utilizada por la economía globalizada [...] Lo patético es entender que la globalización descansa en un capitalismo obsecado por desmantelar todas las conquistas sociales, sin recordar la sangre que costaron, y sin preocuparse por el hecho de estar creando, en escala mundial, un ambiente favorable al surgimiento de políticas resesivas, profundamente antidemocráticas y nefastamente fascistas" (WARAT, 1997, p. 14)

Nesta situação, a modernidade teria se tornado, na sua forma pós-moderna, uma forma de existência social trivial. Segundo Warat (1997, p. 47)

[...] sociedades indecentes que optan por el lucro en lugar de la ética, no dejando espacio para cuestionar las condiciones de nuestros deseos, sentimientos, vínculos y representaciones de lo real. El éxito feroz en el lugar de la utopía y el prestigio mundano en el lugar de la memoria. La sociedad de los exitosos a cualquier precio. El mercado consumiendo nuestros sueños. El dinero determinando el "lavado del poder". Sociedades sin Estado, transformado em servicio de ventas.

O processo de expansão em nível mundial do capital, teria como um dos seus alicerces determinada concepção de governabilidade que fere mortalmente a democracia, transformando o ideal emancipatório em mera retórica esvaziada de conteúdo, de valores como a cidadania e o Estado de Direito.

A acumulação pós-moderna de capital estaria impondo a ideia da incompatibilidade entre o incremento da taxa de lucro e a radicalização da democracia através do Estado de Direito. Na verdade, a incompatibilidade apontada é uma constatação histórica, já que a democracia, levada à expressão mais profunda de sentido, implicaria na superação do modo de produção capitalista, pelo menos como é conhecido desde a sua origem até a atualidade. Como afirmava Warat (1997, p. 173):

[...] se dice así, que el acatamiento sin restricciones al Derecho y sus garantías constitucionales crearían desastrosas condiciones de "ingobernabilidad". La exigencia que los círculos de poder quieren imponer, es la de ignorar (o atenuar sus exigencias) los Derechos reconocidos por el ordenamiento vigente, cuando esse reconocimiento ponga em

³ O que poderia ser traduzido como uma espécie de estrelato cafona e/ou bizarro no mundo da plutocracia.

riesgo la gobernabilidad deseada, para imponer esa siniestra forma de dominación que se está llamando: "nuevo orden internacional"

A barbárie encontrar-se-ia na civilização, na ciência, na técnica, na economia, na burocracia, em definitivo, tratar-se-ia de uma barbárie civilizatória. E a saída, para o autor objeto deste estudo, passaria pelo caminho de transformações profundas que, sendo possíveis, são, ao mesmo tempo, improváveis.

Em nível epistemológico, a modernidade teria sofrido um esgotamento de sentido devido à estagnação ocasionada pela razão objetiva convertida numa espécie de *"kitch existencial"*.

A epistemologia moderna teria defendido uma ideia de progresso como destino inevitável da humanidade. O conceito central foi o da neutralidade científica. Em nome da objetividade se pretendeu construir um conhecimento sem sujeito que conhece.

Segundo Warat (1997, p. 90), o paradigma do conhecimento moderno era construído por *"verdades que ofrecían la posibilidad de aspirar a la coherencia del saber y la realización de las identidades [...] Metáforas que excluían al hombre como factor de construcción de realidades; metáforas que tornaron al mundo predecible y compuesto de realidades ordenadas [...]"*.

Assim, ciência da modernidade teria sido um conhecimento mais preocupado com a ordem do que com a complexidade social. Nas palavras do autor, *"[...] en ese modelo de pensamiento el desorden no podía ser otra cosa que un elemento descartable"* (WARAT, 1997, p. 93).

Deste modo, a modernidade teria tido um caráter "hiperracional". *"La hiperracionalidad moderna anuló el valor cognitivo de las emociones, normó el placer de vivir, desencantó el mundo, pasteurizó las diferencias y debilitó los deseos en la imposición de lo recomendable"* (WARAT, 1997, p. 105).

Conforme Warat (1997), constatar-se-ia o ingresso numa configuração da realidade que já não mais se sustenta pelos sentidos, as palavras e as representações. A ilusão contemporânea opera através da produção de imagens. A "informidade" estaria a ocupar o lugar da modernidade, a condição moderna teria sido substituída pelo que o autor denomina como "condição informada".

Tratar-se-ia de um "ciberespaço" começando a instalar um processo de constante desilusão e diluição do sujeito, da palavra e da realidade. Uma fetichização das ideias e dos conceitos, isto é, uma realidade fetichizada ou "hiperrealidade".⁴

⁴ Esta, entre outras ideias da denominada "filosofia pós-moderna", requerem ainda certo grau de relativização. Conforme o sociólogo francês Pierre Lévy: "A esfera do debate público surge na Europa no século 18, graças ao aparato técnico da imprensa e dos jornais. No século 20, o rádio (sobretudo nos anos 30 e 40) e a televisão (a partir dos anos 60) deslocaram, amplificaram e confiscaram a um só tempo, o exercício da opinião pública. Não se pode ver hoje, uma nova metamorfose, uma nova complicação da própria noção de 'público', já que as comunidades virtuais do ciberespaço oferecem ao debate coletivo um campo de prática mais aberto, mais participativo, mais distribuído do que o da mídia clássica? [...] Em geral

Tudo isso pelo devir da razão moderna, que conduziu a humanidade para a alienação e não para a autonomia, já que esta última alternativa se constituiu, desde o início, como uma impossibilidade imanente.

A modernidade teria, assim, em nome da razão neutra e reducionista, deixado o homem alienado na crença de possuir saber completo, fechado, onde não havia espaço para a complexidade e a incerteza do pensamento.

Nas palavras de Warat (1997, p. 203):

La historia de la ciencias nos muestra que los sentidos de las verdades son temporales, es decir inciertos y en devenir. Sin embargo la ciencia moderna continuó aferrada a las ilusiones de una verdad cerrada, que nos muestra certezas sin incertidumbre. Una ciencia de la alienación y no de la autonomía.

No entanto, na perspectiva relativista assumida neste trabalho, seria necessário, ainda, problematizar o conceito de "razão" moderna para além do discurso hegemônico pautado pelo positivismo científico.

Eis a tarefa que, com as limitações que este artigo possui, se pretende esboçar a seguir.

3 A RAZÃO DESENCANTADA OU DA CRISE DO POSITIVISMO

A "morte do projeto emancipatório da razão moderna" a que Warat se reporta deve ser entendida, na leitura do autor deste artigo, como a crise do positivismo científico, isto é, da narrativa hegemônica da modernidade (mas nunca a única) alicerçada na neutralidade da ciência.

Cabe lembrar que o positivismo foi, no início, um discurso revolucionário. Na proposta de Condorcet (apud LÖWY, 1994) o desafio consistia em libertar o conhecimento científico dos interesses e paixões da classe dominante através de uma luta travada contra os preconceitos da teologia clerical do *ancien regime*.

Foi com a obra de Augusto Comte (apud LÖWY, 1994) que o projeto positivista se tornou conservador, porque fundamentalmente preocupado com a manutenção da ordem imposta na época da contra-revolução francesa de Louis Bonaparte. Naquele contexto, a razão moderna, caudatária do

é um erro pensar as relações entre os antigos e novos dispositivos de comunicação em termos de substituição... O desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha a evolução geral dos contatos e das interações de todo tipo. A 'imagem de um indivíduo isolado diante da sua tela' é muito mais um fantasma do que um resultado da pesquisa sociológica... Portanto não nos deixemos cair na armadilha das palavras. Uma comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória: trata-se unicamente de uma comunidade mais ou menos permanente, que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial [...] Com a cibercultura exprime-se a aspiração à construção de um liame social, que não se fundaria nem em vínculos territoriais, nem em laços de poder, mas na reunião ao redor de centros de interesse comum, no jogo, na comunhão do saber, no aprendizado cooperativo, nos processos aberto de colaboração. O apetite pelas comunidades virtuais depara-se com um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre" (LÉVY, 1997).

ideário iluminista, descamba no processo de racionalização capitalista, aniquilando qualquer vestígio do potencial emancipatório dos inícios do positivismo.

Tratava-se então de justificar a dominação estabelecida como única forma de sociabilidade possível, como produto de uma naturalização das novas relações sociais, acima e além de quaisquer juízos de valor, interesses e interferências de subjetividades.

No entanto, como lembrava Karl Marx (1983, p. 330) ao se referir ao exercício de poder da indústria capitalista na Europa do século 19, "*Augusto Comte y su escuela trataron de demostrar la necesidad eterna de los señores del capital. Del mismo modo, y con las mismas razones, habrían podido demostrar la de los señores feudales*".

Assim, a partir da obra de Augusto Comte, depois Émile Durkheim, até chegar em Karl Popper (apud LÖWY, 1994), tendo sido este último um dos destacados integrantes da célebre reunião de positivistas conhecida como Círculo de Viena junto com Hans Kelsen (1993), a problemática sempre girou em torno das mesmas questões: neutralidade, atemporalidade, objetividade do conhecimento científico.

Este projeto científico positivista, sem dúvidas, como bem apontava Warat (1997) não possui qualquer potencial emancipatório a serviço da autonomia, pelo menos desde que reformulada pelo discurso de Augusto Comte.

Porém, também é necessário frisar que, o projeto científicista do positivismo certamente não esgota o potencial emancipatório do Iluminismo.

É também herdeiro do Iluminismo o projeto socialista, quando não contaminado pelo positivismo e sim desenvolvido em perspectiva histórico-dialética, como no caso de parte expressiva da obra de Karl Marx (1983, 1987a, 1987b) e de vários continuadores como Antonio Gramsci (1991, 1992), Karl Korsch (1975), Istvan Mészáros (1993, 2001), entre outros, autores muito atuais e vigentes não somente pela crítica ao modo de produção capitalista, mas também pela crítica dos socialismos autoritário-burocratizantes existentes na época em que estes pensadores desenvolveram suas reflexões militantes, profundamente democráticas, pluralistas e socialistas.

No contexto brasileiro, esta perspectiva também foi desenvolvida por diversos intelectuais como, entre outros, Leandro Konder (1992) que, sabiamente, no contexto das incertezas geradas dentro do marxismo após o colapso dos regimes autoritários do Leste europeu, afirmou: "Como lidar, hoje, com o legado teórico de Karl Marx? Repudiá-lo em bloco? Considerá-lo ultrapassado e jogá-lo, com desprezo, na lata do lixo do esquecimento? Ou insistir em retomá-lo na íntegra, sustentando, impavidamente, que ele resiste incólume a todas as tempestades e que não foi sequer arranhado pelo fim da União Soviética...? Compartilhando a reflexão de Konder (1992), resulta impossível aceitar

posições maniqueístas que ora endeusam Marx ora o crucificam e, junto com ele, enterram definitivamente todo o legado da cultura socialista.

Esta última posição, em alguns trechos da obra de Warat (1997), parece transparecer, como na passagem em que este autor afirma que

[...] *precisamos distinguir la política totalizante (ecológica) de la política totalitária. Esta última como consecuencia de las grandes propuestas políticas revolucionárias, que invadieron la história con grandes promesas de salvación y transformación del mundo (promesas románticas), promesas de cambio de las condiciones de existencia, que se convirtieron em respuestas totalitarias sobre la totalidad de los aspectos de la vida de una sociedad [...]* (WARAT, 1997, p. 57).

Nesta perspectiva, a derrubada dos regimes confusamente denominados como de "socialismo real" teria aniquilado a utopia socialista, radicalmente democrática no caso de intelectuais do quilate de Rosa Luxemburgo (2017), que criticara logo no início o regime soviético ao denunciar o cerceamento da liberdade de expressão, ou de Antonio Gramsci (1992) que também se preocupava em repensar a herança do marxismo para a realidade italiana a partir de um projeto cultural amplo, muito além da perspectiva da tomada do poder, na perspectiva da disputa de hegemonia, junto às organizações da sociedade civil, como caminho para a construção de um novo bloco histórico.

Não cabem dúvidas de que os projetos de poder do marxismo-leninismo (concentração de poder no estado, ditadura do proletariado e regime de partido único) e do neoliberalismo (apologia de um ilusório livre-mercado, destruição das organizações políticas populares, como movimentos sociais e sindicatos combativos, e aniquilamento das políticas sociais em nome da redução do gasto público) estão, mesmo que ainda controlando expressivos espaços de poder e administrando estados como a China e os Estados Unidos da América, definitivamente esgotados, envelhecidos e paradigmaticamente ultrapassados. Porém, estará também esgotada a utopia socialista, entendida aqui como utopia concreta (BLOCH, 2005) e como legítima herdeira do projeto emancipatório do Iluminismo? Na perspectiva assumida pelo autor deste trabalho se entende que não.

Já na visão transmoderna defendida por Warat (1997), o problema é encarado de maneira radicalmente oposta. Existiria para este autor uma redefinição das lutas pela liberdade, já que as utopias, as lutas e os sentimentos da modernidade, teriam entrado num processo de estilhaçamento, o que Warat (1997, p. 23) denomina como "*descomposición de las grandes convicciones*".

Assim sendo, o único projeto que ainda permaneceria, na perspectiva de Castoriadis citado por Warat (1997, p. 19), seria o projeto neoliberal como fardo do tempo histórico. Nas palavras do autor: "[...] *sólo queda en pie el proyecto capitalista. No olvidemos que como pesadilla*". Ainda que este projeto não seja comemorado e sim pejorativamente qualificado como "pesadelo", o

posicionamento assumido impediria, numa conclusão precipitada, qualquer alternativa transformadora do status quo, porque assimilada aos totalitarismos.

No entanto, Warat busca fugir da armadilha montada pelo relativismo irracionalista da pseudocrítica pós-moderna ao propor uma visão de mundo "transmoderna".

Nesta perspectiva, Warat (1997) não nega a possibilidade de superação da barbárie estabelecida. Contudo, para ir em busca do que ele denomina como "pontos de fuga" seria preciso partir do "zero", como se todo saber e experiência acumulados historicamente a partir das lutas sociais (o bebê) devessem ser jogados fora junto com a água suja do banho.

Neste sentido, afirma o autor:

Necesitamos de otras palabras para inventar el imaginario de la emancipación transmoderna. En otros términos: el rechazo de las categorías heredadas de la política y la filosofía moderna se hace indispensable para continuar sosteniendo la autonomía como esperanza. Ella sólo se mantendrá inventando otros sentidos, otras categorías (WARAT, 1997, p. 146 grifado).

O projeto de autonomia moderno, na versão jurídica, através dos princípios gerais do Direito, estaria também condenado pelo esgotamento como parâmetros de justiça. Assim, nas palavras do autor, "[...] *la cultura jurídica, en la medida que encarnó la significación imaginaria del proyecto de solidaridad y autonomía (individual y social) de la modernidad, está siendo acosada por el desencanto. Toda una concepción de los Derechos Humanos, de la democracia y la ciudadanía parece llegar a su fin [...]*" (WARAT, 1997, p. 167).

Enfim, estar-se-ia diante do fim do projeto de autonomia da modernidade, isto é, diante de uma situação desconcertante devido à morte da modernidade que não conseguiu cumprir suas promessas.

No entanto, no diálogo crítico e superador proposto neste artigo, se entende que ainda pode ser buscada outra saída para as promessas não cumpridas pelo processo de modernização historicamente constatado, conforme se esboçará a seguir.

3 EM BUSCA DA NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO DA MODERNIDADE: "QUIEN DIJO QUE TODO ESTÁ PERDIDO?"

Quando a razão moderna pareceria estar "esgotada", pelo predomínio do processo de racionalização hegemônico, tanto na modernização capitalista, denominada de maneira confusa como "globalização", quanto no espelho travestido de alternativa dos socialismos autoritário-burocratizantes, surge, da mesma obra de Warat (1997) que determinados valores e princípios

herdados do Iluminismo, como os Direitos Humanos, seriam reafirmados como alternativa à barbárie suscitada pela globalização capitalista.

Assim, segundo Warat (1997, p. 167), "[...] *la realidad ética del mundo, el punto actual de los derechos humanos exigen el reconocimiento de que cierto número de comportamientos civilizados se mundializaron de um modo tal que ni Alá los puede ignorar o atacar*".

Parece inegável que, no mundo do Século XXI, os conflitos de classes tipicamente modernos (greves operárias) convivem com situações complexas próprias da pós-modernidade como, entre outras, o recrudescimento de nacionalismos, posições xenófobas e outros dilemas para além da questão classista (identidades de gênero, multiculturalismo).

Nas sociedades periféricas dos centros de poder mundial, como é o caso da América Latina, é possível observar, convivendo no mesmo espaço e tempo, uma ensamblagem "ornitorrítica" (ARRUDA JÚNIOR, 2007) de fenômenos próprios da pré-modernidade (trabalho escravo, monocultura extensiva em latifúndios, dominação tipicamente patrimonial), da modernidade ainda como paradigma dominante⁵ e de redutos ou nichos de pós-modernidade.

Voltando à perspectiva oferecida pela obra de Warat (1997), a "transmodernidade" teria um aspecto negativo que se reportaria aos fenômenos próprios da pós-modernidade, como a morte das identidades, os mecanismos de simulação que configuram a "hiperrealidade", entre outros e, em contrapartida, o aspecto positivo constituído pelo impulso emancipatório da "ecocidadania". Nas palavras do autor:

[...] en la condición transmoderna existen zonas de um desierto simbólico emocional y político irrecuperable (zonas de indiferencia pura), zonas de riesgo, pero también zonas de esperanza, zonas de escape que aseguran la formación de una sociedad com condiciones de existencia más sostenibles, que aegure ecologicamente la globalización de una mejor calidad de vida para todos. Mi apuesta la coloco en esta última zona (por este motivo prefiero hablar de transmodernidad, reservando la expresión posmodernidad para el grupo de autores, como Baudrillard, que no consiguen vislumbrar la mínima escalada de autonomía

⁵ Cfr. SOUZA, Nelson de Mello e. **Modernidade: desacertos de um consenso**. Campinas: Unicamp, 1994. Nesta obra o autor adverte a necessidade de precisão em torno de um tema que deu lugar ao que denominou de "babel conceitual". Buscando desfazer a referida confusão, recorre à diferenciação entre o paradigma da "Agrária" (sociedades pré-modernas) e o da "Modernidade", que "surge historicamente, provocando mutação radical de paradigma, quando a indústria domina a geração do produto bruto por um lado e passa a maior fonte de emprego por outro". Alguns autores fazem referência à passagem do predomínio do capital industrial para o capital financeiro (HARVEI, 1994) ou do predomínio do setor de serviços na nova economia, o que evidenciaria o surgimento de uma sociedade pós-industrial. Porém, como Souza, "trata-se de evolução inerente ao sistema. Não muda o modelo, ao contrário reforça-o. por isso é impreciso, ao constatar seu surgimento dialético em função das necessidades econômicas da indústria, denominá-lo de "pós". Assim, justifica-se a ironia de Habermas contra os que já vêm 'pós' quando estamos em pleno 'ainda' (p. 35-36 e 110). Pelo exposto, resulta fundamental evitar a confusão entre modernidade e modernização capitalista. Esta última não somente não esgota o projeto moderno como substancialmente o nega, ao tornar as promessas da modernidade meras abstrações a serviço da dominação e da desigualdade (MÉSZÁROS, 1992). Assim, resta claro que as promessas da modernidade somente podem ser frustradas para os que acreditaram algum dia que elas poderiam ser cumpridas pelos "socialismos reais" ou pelos que ainda insistem (discurso da década de 1990 de Fernando Henrique Cardoso e atual do presidente de fato Michel Temer) que estar-se-ia no caminho da recuperação econômica e da "geração de empregos" através da implementação de reformas (restaurações) neoliberalizantes.

para nuestra especie. Autores que no pueden hablar de ecología porque el momento posmoderno unicamente explicita el proceso de indiferencia pura).

Em síntese, Warat (1997) proporia uma visão de mundo ecológica como superação paradigmática que partiria da crítica da modernidade e da pós-modernidade, ou, nas suas palavras: "*El desafío de la muerte, que sólo puede ser contestado por la búsqueda colectiva e individual de la creatividad para realizar, por otros medios, el inacabado proyecto de autonomía*". No entanto, caberiam aqui algumas indagações: 1) O que fazer com as instituições modernas, como os partidos políticos, os sindicatos, os tribunais, as promotorias e defensorias, entre outros mecanismos de representação institucional da sociedade civil e do estado? 2) Se o projeto de autonomia deve ser buscado "por outros meios", o que fazer com aqueles onde o poder concreto encontra diferentes instâncias de condensação material das correlações de forças (POULANTZAS, 1993)? 3) Tratar-se-ia de negar *in totum* estes espaços de poder já que seriam "zonas irrecuperáveis" e, assim, entregá-los definitivamente às mãos da barbárie? 4) Se o posicionamento assumido parte da defesa dos valores, princípios e garantias do Estado Democrático de Direito, estes espaços, mesmo que não sejam os únicos, podem ser de antemão descartados como instâncias de disputa de poder?

A "transmodernidade" já não buscaria travar lutas pela disputa de hegemonia ou, em outros termos, pela concretização de um projeto político que busque radicalizar a democracia entendida como exercício efetivo da cidadania. O desafio agora consistiria no "*descubrimiento de que el hombre tiene, como primer compromiso existencial, el deber amoroso de crear, por los afectos, el sentido de la vida, imaginando la felicidad*" (WARAT, 1997, p. 22).

No entanto, é possível identificar na obra de Warat (1997) o resgate da utopia, ecológica, através do que o autor denomina de "ecocidadania". Nesta,

[...] el principio de la autonomía es el capital de realización de una cultura de la emancipación, que se manifiesta en el trabajo de los hombres para conquistar la solidaridad y la autogestión colectiva del poder, de la ley, del saber y del deseo. El proyecto de una sociedad que se revoluciona a sí misma, radicalizando la democracia, que sólo será posible si afirma, como precondition, la búsqueda de la autonomía (WARAT, 1997, p. 26).

Todavia, esta utopia ecológica, mesmo que não assuma tal condição, é também herdeira do projeto emancipatório do Iluminismo, ideário que, historicamente, foi sendo enriquecido pelos aportes de diferentes correntes do pensamento crítico e emancipatório, como o socialismo, o feminismo, o ecologismo, entre outras.

Finalmente, a superação dialética do antagonismo protagonizado no debate acadêmico, do final do Século XX e primeiras décadas do Século XXI, entre modernidade e pós-modernidade talvez

poderia começar a ser sintetizado na seguinte perspectiva: o conflito ou contradição social estrutural não consistiria unicamente pela denúncia dos mecanismos de apropriação, por parte de uma classe minoritária, da riqueza produzida pela humanidade. Na atualidade também entra em cena a questão decisiva do controle popular das instâncias de poder institucional condensadas na ossatura estatal. Diversos mecanismos de controle a partir da ação política de novas e tradicionais formas de organização da sociedade civil se constituem como canais de resistência à reprodução ampliada da produção destrutiva do capital (MÉSZÁROS, 2001). Quanto mais o mercado capitalista se sofisticava, sobretudo em épocas de mundialização financeira, mais se incrementa a concentração de riqueza e mais se consuma a destruição das forças produtivas: a natureza, o trabalho humano e seus meios.

Portanto, a relação de forças entre classes e grupos sociais se inscreve na relação ecológica (BIDET, 1993), constituindo, na atualidade, o horizonte da questão democrática.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA JÚNIOR, Edmundo Lima de. **Direito Alternativo e Contingência**. Florianópolis: Cesusc, 2007.
- BIDET, Jaques. **Teorias de la Modernidad**. Buenos Aires: El Cielo por Asalto / Letra Buena, 1993.
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. 3 vol. Rio de Janeiro: EdUERJ / Contraponto, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1994.
- KELSEN, Hans. **Teoria Pura del Derecho**. Buenos Aires: UBA, 1993.
- KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da praxis**. O pensamento de Marx no Século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KORSCH, Karl. **Karl Marx**. Barcelona: Ariel, 1975.
- LÉVY, Pierre. A "netiqueta" do ciberespaço. **Mais! Caderno 5 da Folha de São Paulo**, 09 de Novembro de 1997.
- LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 5a. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUXEMBURGO, Rosa. A questão nacional e a autonomia. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP. **Biblioteca Virtual de Direitos Humanos**. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/rosa-luxemburgo-a-questao-nacional-e-a-autonomia-1909.html>. Data de acesso: 23 de outubro de 2017.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. 12a ed. São Paulo: José Olympo, 2010.

MARX, Karl. **El Capital**. México: Cartago, 1983.

_____. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Moraes, 1987a.

_____. **A questão judaica**. São Paulo: Moraes, 1987b.

MÉSZÁROS, Istvan. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**. São Paulo: Ensaio, 1993.

_____. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2001

POULANTZAS, Nicos. **Poder, Estado e Socialismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

SOUZA, Nelson de Mello e. **Modernidade: desacertos de um consenso**. Campinas: Unicamp, 1994.

WARAT, Luis Alberto. **Por quien cantan las sirenas: informes sobre Eco-ciudadanía, Ecología del Derecho y de la política**. Florianópolis: mimeo, 1997.